

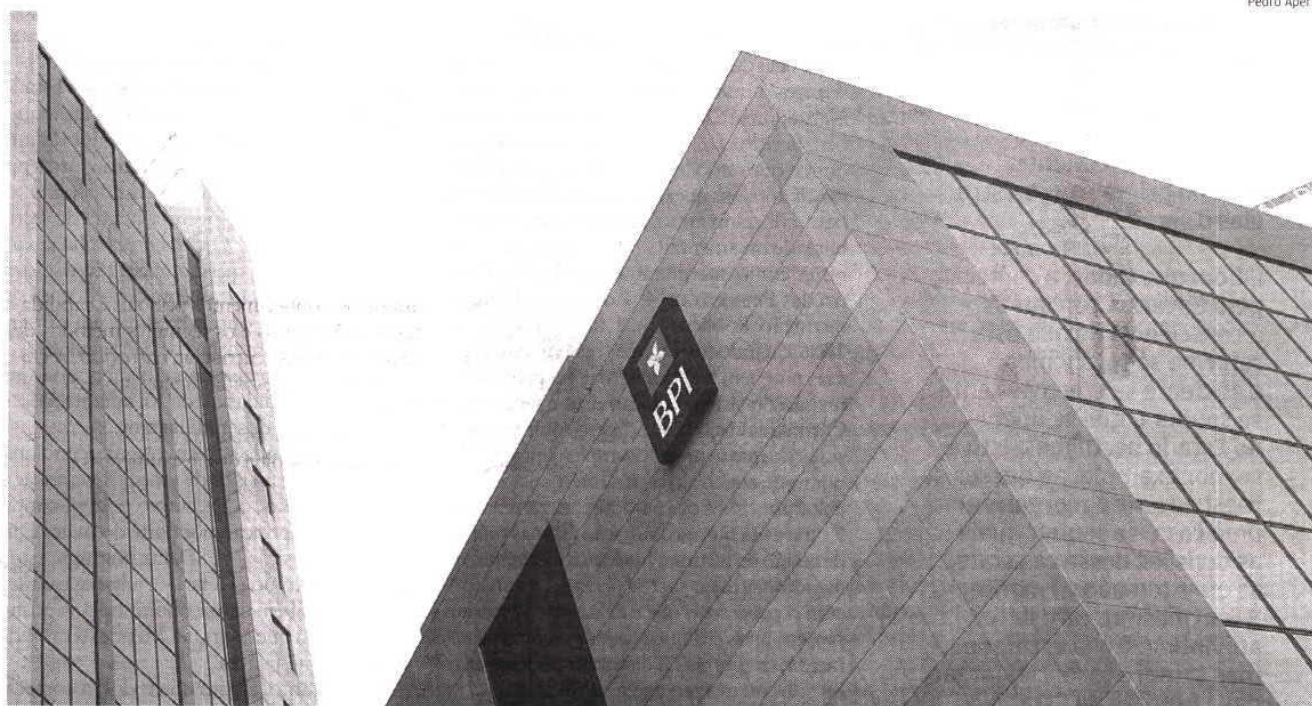


## ISCTE – ESCOLA DE GESTÃO

RUI ALPALHÃO

# Incumbentes, Nacionalismo e Campeões Nacionais

Pedro Aperta



➔ O lento avanço para o desfecho da Oferta Pública de Aquisição do Millennium bcp sobre o BPI tem traduzido à discussão o argumento nacionalista. Do lado do BCP, banco cujo maior accionista, a Eureko, é holandês, e cujo nome é em inglês, tem sido sugerido que o (hoje previsível) falhanço da OPA significará a assunção de uma posição dominante no BPI por parte dos catalães de La Caixa, impedindo a criação de um “campeão nacional” que possa defrontar campeões estrangeiros (na realidade, todos espanhóis) como o Santander, o Popular e algumas *cajas de ahorros*, em algo porventura parecido com uma justa medieval.

O argumento nacionalista é curioso e tem tradições na disputa do controle de bancos portugueses. Foi, por exemplo, usado no longínquo ano de 1989 pelo Eng. Belmiro de Azevedo para agregar participações no hoje extinto Banco Totta & Açores (o actual Santander Totta resulta da alteração de razão social do Crédito Predial Português) numa disputa contra o campeão castelhano Mário Conde, então à frente do Banesto. Nessa justa, levou a melhor o campeão castelhano, que viria a soçobrar alguns anos mais tarde às mãos de um campeão português mais velho, mas porventura de mais dura cepa.

Invocar o nacionalismo é curioso porque, salvo melhor opinião, os portugueses são muito pouco nacionalistas. A primeira edição do “Sol”, aliás, dava destaque de primeira página a uma sondagem, ilustrada com uma fotografia do Rei Juan Carlos, que indicava que mais

de um quarto dos portugueses eram favoráveis à união ibérica (ou, como rezava enganadoramente o título, “preferiam ser espanhóis”). As razões para esta indiferença à pátria extravasam em muito o âmbito deste artigo, mas podemos intuir que num país onde mais de um quarto da população não se importa de mudar de bandeira uma grande percentagem dos clientes bancários serão indiferentes à nacionalidade dos titulares do capital do seu banco.

A indiferença à pátria é censurável, pelo menos por parte dos que pensam como eu nessa matéria, mas é questão complexa e plena de juízos de valor. Já a indiferença à nacionalidade dos titulares do capital dos bancos portugueses se presta melhor a uma análise despojada de juízos valorativos. Quando se defende um campeão nacional para pelear com os campeões navarros, castelhanos e aragoneses defende-se implicitamente o campeão nacional incumbente, ou seja, a perpetuação do campeão do ano passado. O análogo futebolístico seria fazer do Futebol Clube do Porto, campeão da época transacta, campeão nacional para sempre, absorvendo a parte dos plantéis dos rivais de Lisboa mais apetecíveis (digamos, Luísão ou Polga para emparceirar com Pepe, Leo ou Tello para compor a ala esquerda da defesa, Katsouranis e Moutinho para acompanhar Lucho e Simão para atenuar a Quaresma-dependência), de forma a gerar uma equipa competitiva na UEFA *Champions League*, competição mais séria do que a Liga dos Bancos Campeões Ibéricos, já que o FCP tem de

medir forças com o campeão inglês (propriedade de um russo, treinado por um português e comandado em campo por um poderoso avançado africano).

Não é evidente o que os clientes têm a ganhar com a eliminação da já limitada concorrência entre bancos nacionais para combater os campeões estrangeiros numa justa aberta apenas a pelejantes ibéricos. Não só os ganhos não são evidentes, como não parece especialmente glorioso esgrimir o argumento de que só aglomerando todos os recursos nacionais numa só equipa, sempre campeã porque deixará de ter adversários da sua igualha, se consegue ganhar a justa com os de fora.

Por outro lado, são bastante claros os benefícios de mais concorrência no mercado financeiro nacional, mesmo se exercida por bancos cujo capital seja detido por não residentes. Mais concorrência gera preços mais concorrenciais, e também mais produtos e mais operações financiadas, ao criar uma saudavelmente maior diversidade de opinião, que proporciona que os produtos ou projectos de que um banco não gosta possam ser do interesse de outro.

Aos campeões, nacionais ou estrangeiros, deve pedir-se espírito de campeão, vontade de competir em campo aberto, de não olhar ao tamanho ou ao orçamento do adversário. Campeões incumbentes, não obrigado.